

A INTERPRETAÇÃO CÉTICA DE WITTGENSTEIN: UMA NEGAÇÃO DA “VIRADA LINGUÍSTICA”?

Daniel Artur Emidio Branco*

Resumo: O presente artigo tem o intuito de estudar o Wittgenstein cético, bem como as implicações deste ceticismo para a Filosofia Analítica. As quatro seções do artigo investigarão as obras de Wittgenstein, a presença do ceticismo nessas obras, a interpretação kripkeana da sua obra, bem como qual impacto o ceticismo wittgensteiniano pode trazer para a ideia contemporânea de “virada linguística”.

Palavras-Chave: Linguagem. Ceticismo. Virada. Coerência. Privada.

A SKEPTICAL INTERPRETATION OF WITTGENSTEIN: A DENIAL OF THE “LINGUISTIC TURN”?

Abstract: This article aims at studying the skeptical Wittgenstein, as well as the implications of this skepticism for Analytical Philosophy. The four sections of the article will investigate the works of Wittgenstein, the presence of skepticism in these works, the Kripkean interpretation of his work, as well as what impact Wittgensteinian skepticism can bring to the contemporary idea of “linguistic turn”.

Keywords: Language. Skepticism. Turn. Coherence. Private.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade a investigação da existência do ceticismo em Wittgenstein, bem como da sua relação com a noção de “virada linguística” na filosofia contemporânea. Para tanto, serão apresentadas quatro seções. A primeira seção será intitulada *Há uma coerência interna no pensamento de Wittgenstein?* e pesquisará diferentes obras de Wittgenstein. A segunda seção, que terá como título *A interpretação cética de Wittgenstein*, terá como objeto a ideia do Wittgenstein cético propriamente dito. A seção seguinte, *O Kripkenstein*, explanará a interpretação cética que Kripke faz da obra wittgensteiniana. Finalmente, a quarta seção, de título *O ceticismo*

* Pós-doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada e diplomado em Especialização em História do Brasil pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada. E-mail: daturemidio-26@hotmail.com.

wittgensteiniano e a ideia de “virada analítica”, estudará as implicações do ceticismo wittgensteiniano para a ideia de “virada linguística” na filosofia contemporânea.

1. Há uma coerência interna no pensamento de Wittgenstein?

Wittgenstein não é um autor fácil de ser compreendido. Diferentes estudiosos do seu pensamento rejeitam o epíteto de relativista para o filósofo austríaco¹⁰². Preferem, por vezes, valer-se do pragmatismo para defender que ele apenas uniu teoria e ação, de modo que não se pode falar em conhecimento de uma coisa sem o seu uso. Isso não estaria na contramão dos progressos que a filosofia moderna tem feito em relação à linguagem, à ontologia, à lógica, etc. Antes, porém, de se chegar a uma conclusão semelhante ou distinta dessa faz-se necessário compreender-se alguns pontos importantes da caminhada intelectual wittgensteiniana.

No *Tractatus logico-philosophicus* Wittgenstein buscava estudar ou descobrir a essência da linguagem. Nas *Investigações Filosóficas* ele abandona esse projeto. O autor das *Investigações* é conhecido como o Segundo Wittgenstein, devido justamente à mudança na sua concepção de linguagem e da existência ou não de uma essência da linguagem. Nas obras posteriores às *Investigações* há uma disputa mais ou menos recente se ele desenvolve a segunda fase do seu pensamento ou se ele inaugura um o que se tem chamado de Terceiro Wittgenstein. De qualquer modo, *Gramática Filosófica*, *Da Certeza*, *O Livro Azul*, *O Livro Castanho*, *Conferência sobre Ética e Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia* são obras importantes para o entendimento das *Investigações* e, quiçá, até do *Tractatus*.

Há uma certa continuidade, a despeito de toda descontinuidade, entre o Wittgenstein dos diferentes livros. Na sua tese de doutorado recém defendida, *Wittgenstein y el escepticismo: el escepticismo en el Tractatus*, Bagán fala dos traços “visivelmente céticos na noção tractariana de sujeito” (BAGÁN, 2019, s/p) e dos “traços céticos que encontramos nesta obra [*Tractatus*]” (IBIDEM, 2019, s/p). A fortiori, se nas *Investigações* o autor austríaco fala nos jogos de linguagem e nas semelhanças de família [“podemos conceber que todo o processo do uso de palavras [...] seja um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem a sua língua natal. A estes jogos quero chamar jogos de linguagem” (WITTGENSTEIN 2015, p. 177)] já no *Tractatus* ele fala da linguagem como limite do mundo daquele que a usa

¹⁰² Por outro lado, o relativismo linguístico da teoria de Sapir-Whorf tem sido associado a Wittgenstein.

[*“Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”* (IBIDEM, 2015, p. 114)], bem como do lugar do silêncio naquele que quer ir para além desses limites impronunciáveis [*“Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio”* (IBIDEM, 2015, p. 142)]. Se em *Da Certeza* ele questiona a correlação ingênua entre a realidade física dos objetos e o uso da linguagem para designar os objetos físicos [*“Mas não será possível imaginar que não há objetos físicos? Não sei. E, contudo, ‘há objetos físicos’ é um absurdo”*. 1969, p. 23)], em *O Livro Azul* ele questiona a correlação de um corpo que sente dor com o vocábulo “eu” [*“O cerne da nossa proposição segundo a qual aquele que tem dores, ou vê, ou pensa, tem uma natureza mental, é apenas o facto de a palavra ‘eu’ em ‘eu tenho dores’ não denotar um corpo particular, dado que não podemos substituir ‘eu’ pela descrição de um corpo”*. (IBIDEM, 1958, p. 125). Se em *O Livro Castanho* ele põe em xeque uma concepção ingênua da natureza do “branco” e do “preto” [*“O preto e o branco serão cores?’ Em que circunstâncias se sentiriam inclinados a responder pela afirmativa e em que circunstâncias pela negativa?”* (IBIDEM, 1958, p. 17)], em *Gramática Filosófica* ele faz o mesmo quando trata da relação do cinza com o preto e o branco [*“É tão impossível conceber um cinza particular como sendo um dos infinitamente muitas cinzas entre o preto e o branco como conceber uma tangente t como sendo uma das infinitamente muitas etapas em ir de t_1 para t_2 ”* (IBIDEM, 2010, p. 195)]. Se em *Conferência sobre Ética* ele chega mesmo a desvincular a ética da ciência [*“A Ética, na medida em que nasce do desejo de dizer alguma coisa sobre o significado último da vida, do bom absoluto, do que tem valor absoluto, não pode ser uma ciência. Aquilo que ela diz nada acrescenta ao nosso conhecimento, em qualquer sentido”*. (IBIDEM, 2017, p. 81)], em *Últimos Escritos* ele questiona o conhecimento do “outro” [*“O jogo de linguagem está estabelecido de antemão de modo que uma comparação com outros jogos de linguagem pode levar a uma imagem ‘dentro-fora’. Mas a isso acresce a incerteza factual que se prende ao adivinhar dos acontecimentos anímicos de outrem”* (IBIDEM, 2014, p. 335)].

2. A interpretação cética de Wittgenstein

Aqui se defende que Wittgenstein desenvolveu uma espécie de ceticismo. Entretanto, tal ceticismo, por mais que exista nas *Investigações*¹⁰³ - ou melhor, por mais que já exista nas *Investigações*, mesmo na sua primeira parte, e não apenas em *Da Certeza* ou a partir de *Da Certeza* -, ele se manifesta em maior ou em menor grau no conjunto da obra do autor austríaco. Nem todos pensam assim. Sobre o *Da Certeza*

Avrum Stroll defende [...] [que esta obra] apresenta uma característica que ainda não se fazia presente, não só na filosofia de Wittgenstein como na história da filosofia – o "fundamentalismo". Segundo A. Stroll trata-se de um "fundamentalismo não proposicional". [...] Entre os parágrafos indicados por Stroll destaca-se o 205: "Se o verdadeiro é o que é fundamentado, então o fundamento não é verdadeiro nem falso"; o 234: "... Se pretendesse duvidar da existência da terra muito antes do meu nascimento, teria de duvidar de todas as espécies de coisas que são ponto assente para mim" e o 373: Por que "é que se supõe ser possível ter razões fundamentadas para acreditar em qualquer coisa se não é possível estar certo?" (PÁDUA, 2007 p. 64).

Devido, porém, à ideia aqui defendida de que existe uma continuidade ou traços de continuidade entre as diferentes obras, não se fará uma discussão sobre a pertinência ou não da tese da existência do Terceiro Wittgenstein. Entretanto, a título de informação, veja-se como Pádua define um suposto Terceiro Wittgenstein:

Para os defensores da ideia de terceiro Wittgenstein, o autor elaborou três filosofias. A primeira delas está concentrada até a publicação do *Tractatus*; a segunda inclui a produção pós-*Tractatus* até a primeira parte de *Investigações Filosóficas* e na terceira filosofia encontram-se essencialmente os trabalhos escritos a partir de 1946, aí estariam inclusos *Da Certeza*, *Anotações sobre as Cores*, *Zettel*, todos os escritos sobre filosofia da psicologia e a parte II de *Investigações Filosóficas*. (PÁDUA, 2007, p. 60).

Tomando um caminho próprio, estas linhas preferirão a simples evidência de que os elementos céticos wittgensteinianos, mesmo sobre o fundamentalismo ou falta dele, estão presentes em diferentes obras suas. O ponto central proposto não é a passagem do primeiro Wittgenstein para o segundo ou a suposta passagem do segundo

¹⁰³ Dignas de nota são essas palavras de Winch: "*Suponha que eu esteja imaginando em que ano o Everest foi escalado pela primeira vez; Eu penso comigo mesmo: 'O Monte Everest foi escalado em 1953' [...] [vamos considerar a] discussão de Wittgenstein sobre o conceito de seguir um regra nas Investigações Filosóficas. Burnet falou do 'contato' da mente com a realidade. Tomemos um caso óbvio prima facie de tal contato e considere o que está envolvido nisso*". WINCH, Peter. *The Idea of a Social Science and its Relation to Philosophy*. Routledge, USA, 1990, pp. 25, 24

para o terceiro, senão a existência do ceticismo no seu pensamento. Nas palavras de Olímpio: *“tentamos levantar a questão de um Wittgenstein cético”* (OLÍMPIO, p. 5. s/p).

Pois bem, o ceticismo não precisa ser coerente. É um erro pensar que se um autor é compatível com o pragmatismo [*“o sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem”* (WITTGENSTEIN, 2015, p. 207)] ou se é retoricamente compreensível [*“Dar a essência da proposição quer dizer dar a essência de toda a descrição, logo, a essência do Mundo”* (IBIDEM, 2015, p. 98)] então ele não pode ser um cético. Protágoras tem sido há séculos associado a ambos, o pragmatismo e ao ceticismo. Até Górgias, um cético ainda mais radical, foi um retórico bastante conhecido. Portanto, quando Wittgenstein fala que o conhecimento da linguagem e o uso da linguagem estão intimamente ligados, quando ele destaca as semelhanças de família, os jogos de linguagem [*“Os jogos de linguagem são muito mais objetos de comparação, que por semelhança e dessemelhança irão esclarecer os factos da nossa linguagem”* (IBIDEM, 2015, p. 264)] ou quando questiona a linguagem privada [*“A transição privada do que é visto para a palavra não me é possível aplicar quaisquer regras. Aqui as regras ficariam penduradas no ar, porque falta a instituição da sua aplicação”* (IBIDEM 2015, p. 392)], ele não descarta uma interpretação cética do seu pensamento [*“Os nossos simples e claros jogos de linguagem não são estudos preliminares para uma regulamentação futura da linguagem”* (IBIDEM, 2015, p. 264)]. É que a natureza do ceticismo [*“A finalidade do seu filosofar não é, portanto, o conhecimento do mundo”* (IBIDEM, 2015, p. 132)], pelo menos no seu sentido mais forte, não requer nem coerência nem uma consciência da incoerência [*“As minhas proposições são elucidativas pelo facto de que aquele que as compreende as reconhece afinal como falhas de sentido, quando por elas se elevou para lá delas”* (IBIDEM, 2015, p. 142)]. É a tentativa de “salvar” a plausibilidade acadêmica de um autor que busca evitar que a interpretação cética ponha em xeque a sua relevância no departamento de filosofia. A pergunta, a bem da verdade, não é sobre se Wittgenstein “acreditava” nos jogos de linguagem, nas semelhanças de família, no uso da linguagem, entre outras ideias, mas se elas fazem sentido ou não. Em outras palavras, a busca aqui não é sobre o que Wittgenstein pensava sobre si, senão sobre o que ele realmente disse.

Se a matemática e o uso que ela faz da lógica são apenas tautologias [*“A Lógica do mundo, que as proposições da Lógica mostram nas tautologias, mostra-se em matemática por meio de igualdades”* (IBIDEM, 2015, p. 128)], ou seja, se não há aí uma

verdade objetiva que seja condição de possibilidade de conhecimento [*“A tautologia não tem quaisquer condições de verdade, pois é verdadeira sem condições (IBIDEM 2015, p. 78)*], então tem-se a possibilidade de negar o que se tem por “óbvio” ou “lógico”, não existem verdades estabelecidas, nem mesmo verdades como $1+1=2$ [*“Todas as proposições da Lógica têm direitos iguais, não há entre elas proposições essencialmente primitivas e proposições essencialmente derivadas. Cada tautologia mostra por si que é uma tautologia (IBIDEM, 2015, p. 127)*]. Na falta de um apriorismo, a “verdade”, seja matemática ou puramente lógica, só é encontrada no uso que um jogo de linguagem faz dela. A falta de um fundamento *a priori*, seja lógico ou metafísico, implica na absolutização das possibilidades. Note-se bem estas palavras: *“O jogo de linguagem permite expressões sem sentido - embora não ‘falsas’” (IBIDEM, 2014 p. 91)*

Dá ideia do pragmatismo. Seria uso o contexto do jogo e da família linguística o que faz de algo “verdadeiro”. Uma coisa é verdadeira dentro de um jogo. Alguns jogos são familiarmente semelhantes a outros. Por isso, existe alguma sensação de conhecimento. Estaria, porém, a epistemologia salvaguarda? A resposta é não. É que essa absolutização das possibilidades não pode ter um limite, isto é, nem o conceito mesmo de “jogos de linguagem” ou de “semelhança de família” é um limite: *“‘Eu sei’ é aqui uma intelecção lógica. Só que o realismo não pode se provar através dele” (IBIDEM, 1968 p. 31)* A recepção desses conceitos wittgensteinianos serviram para o quadro acadêmico. Não questioná-los ou “parar por aí”, não levando até as últimas consequências a própria negação do apriorismo, é o mesmo que fazer desses conceitos um *a priori*, é cair em contradição performativa, pois seria agir pragmaticamente suprimindo as consequências das ideias do autor para o bem da sua imagem acadêmica. Por outro lado, ao usar a crítica ao fundamento e ao apriorismo para esses termos mesmos (jogos de linguagem, semelhanças de família, tautologia, etc.), chega-se à conclusão de que eles precisam ser superados [*“Tem que, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido nela). Tem que transcender estas proposições; depois vê o mundo direito” (IBIDEM, 2015 p. 142)*], pois não podem em si, do ponto de vista puramente teórico, transmitir conhecimento. Eles servem para um propósito apenas. Servem dentro de um jogo. Não são, entretanto, conceitos passíveis de uma compreensão puramente epistemológica:

Não apenas que nenhuma descrição em que possa pensar serviria para descrever o que quero significar com "valor absoluto", mas que rejeitaria todas as descrições significantes que qualquer outra pessoa pudesse eventualmente sugerir, ab initio com base na sua significação. Ou seja: vejo agora que estas expressões sem sentido não eram sem sentido porque eu não tinha ainda encontrado a expressão correta, mas que o seu não-sentido era a sua verdadeira essência. Porque tudo o que eu queria fazer com elas era apenas ir para além do mundo, e isto quer dizer para além da linguagem significativa (IBIDEM, 2017, pp. 77, 79).

Dignas de lembranças são as seguintes palavras: “*Será que terá ele [Moore] também tido fundamento adequado para a sua convicção [de que a Terra existe]? Porque, caso contrário, afinal ele não sabe [Russell]* (IBIDEM, 1969 p. 39)”. Mullinari as comenta “*Wittgenstein se refere diretamente a Moore e, ainda, põe o problema para o nível linguístico ao afirmar que a expressão ‘eu sei’ é usada de maneira incorreta por Moore*”. (MULLINARI, p. 2014, p. 32). Para quem não está a jogar esse jogo, eles não tem um sentido, eles não valem. Como não aceitar que existe nesse fato um tipo de ceticismo?

3. O Kripkenstein

No artigo *Saul Kripke: a Crítica à Teoria Descritivista dos Nomes Próprios*, foi mostrado que Kripke propõe a existência de um paradoxo cético em Wittgenstein: “*Wittgenstein inventou uma nova forma de ceticismo*” (KRIPKE, 1982, p.60). Segatto considera Kripke o mais proeminente defensor do ceticismo wittgensteiniano: “*as considerações de Wittgenstein foram interpretadas, mais de uma vez, como se apresentassem uma nova forma de ceticismo. A mais proeminente dentre tais interpretações foi proposta por Saul Kripke* (SEGATTO, 2015, p 135).

O “kripkenstein”, como é chamado o Wittgenstein kripkeano, é o autor das *Investigações Filosóficas*. Em outras palavras, Kripke não defende que o Wittgenstein cético se inicia em *Da Certeza*. Ele é encontrado já no parágrafo 202 nas *Investigações*. É que, analisando o problema da linguagem privada em Wittgenstein, Kripke defende que ela não se inicia no parágrafo 243, mas consideravelmente antes. Justamente essa questão é, segundo Kripke, de suma importância para a ideia do Wittgenstein cético. É esse início já no parágrafo de 202 uma peça fundamental para a correta interpretação das declarações advindas a partir do parágrafo 243. Kripke assinala que, segundo a sua opinião, o “*verdadeiro ‘argumento da linguagem privada’*” (KRIPKE, 1982, p. 3) pode ser achado “*nas seções anteriores ao §243. De fato, no §202 a conclusão já está*

declarada explicitamente: 'Portanto, não é possível obedecer a uma regra 'em particular': caso contrário, pensar que alguém estava obedecendo a uma regra seria a mesma coisa que obedecê-la'. (IBIDEM, 1982, p. 3)'. Então acrescenta: "As seções a seguir ao §243 devem ser lidas à luz da discussão anterior; por mais difíceis que sejam, elas são menos propensas a serem entendidas se forem lidas isoladamente" (IBIDEM, 1982, p. 3). Ribeiro lembra do apoio dado por Martin Kusch à interpretação de Kripke:

Martin Kusch dá início a seu livro *Sceptical Guide to Meaning and Rules: Defending Kripke's Wittgenstein* afirmando que seu estudo constitui-se, como o título do livro assevera, em uma defesa do trabalho de Kripke *Wittgenstein on Rules and Private Language (WRPL)* [...] Kusch responde às críticas de Baker e Hacker afirmando que a leitura que Kripke dá ao argumento da linguagem privada e a leitura tradicional são perfeitamente compatíveis, se se considerar a prática de aplicação de regras sob um viés social (RIBEIRO, 2012, p. 56, 90).

Vejam - se então as palavras do próprio Wittgenstein sobre a linguagem privada:

para o caso da apresentação privada não precisas de modo algum de ter presente as dores, mas é suficiente que faças uma ideia delas- que faças, por exemplo, uma careta. E sabes que aquilo que assim te apresentas são dores e não, por exemplo, uma expressão facial? E como é que sabes também o que é que és suposto apresentares-te, antes de o apresentares? Esta apresentação privada é uma ilusão (WITTGENSTEIN, 2015, p. 364).

Outra vez:

O que há então com a linguagem que descreve as minhas vivências interiores e que só eu próprio posso compreender? Como é que designo as minhas sensações com palavras? - Assim, como o fazemos habitualmente? Está a palavra com que designo a minha sensação ligada com a minha natural exteriorização da sensação? - Neste caso, a minha linguagem não é "privada". (IBIDEM, 2015, p. 341).

Para Kripke, a noção de tautologia wittgensteiniana também conduz ao ceticismo. Tratando dos sinal matemático "+" e do vocábulo "mais", Kripke afirma: "*Suponhamos, por exemplo, que '68 + 57 'seja um cálculo que eu nunca fiz antes [...] Realizo o cálculo, obtendo, é claro, a resposta '125'*" (IBIDEM, 1982, p. 8). Ele então supõe a existência de um cético bizarro para enfatizar o absurdo da questão: "*Agora, suponha que eu encontre um cético bizarro. Esse cético questiona minha certeza sobre minha resposta, no que acabei de chamar de sentido "metalinguístico". Talvez, ele sugere [...] a resposta que pretendia para '68 + 57 'deveria ter sido' 5'!"* (IBIDEM, 1982, p. 8). Então continua com adicionando o exemplo do sinal "quus" e da equação

$$\begin{matrix} x \oplus y = x + y, & \text{if } x, y < 57 \\ x \oplus y = 5, & \text{otherwise.} \end{matrix}$$
 : “talvez no passado eu tenha usado 'mais' e '+' para denotar uma função que chamarei de 'quus' [...] [que defino] por:

$$\begin{matrix} x \oplus y = x + y, & \text{if } x, y < 57 \\ x \oplus y = 5, & \text{otherwise.} \end{matrix}$$
 ” (IBIDEM, 1982, pp. 8-9). E, por fim, ele usa a equação e sinal “quus” para chegar à conclusão de que o cético pode estar “certo”: “quem pode dizer que essa não é a função que anteriormente se entende por '+'? [...] Se a palavra 'mais', como a usei no passado, denotava a função quus, não a função mais [...] então minha intenção passada era tal que, pedido o valor de '68 mais 57', eu deveria responder '5'” (IBIDEM, 1982, pp. 8-9-12).

Segatto traz à tona o fato de que “para Baker e Hacker a dúvida cética quanto à possibilidade de aplicação da uma regra é em si mesma absurda, pois supõe a separação entre compreender a regra e saber o que conta como uma aplicação correta” (SEGATTO, 2015, p. 144). Mas Kusch (mencionado mais acima) está certo quando interpreta o wittgenstein kripkeano como contrário a um “determinismo” linguístico – a própria ideia comum de “compreensão” requer uma a noção de determinação -, bem como quando afirma que ele é perfeitamente aceitável quando se considera a “prática de aplicação de regras sob um viés social” (RIBEIRO, 2012, p. 56, 90).

As ideias kripkeanas mostram-se, assim, bastantes plausíveis. Até as mais famosas tentativas de refutar o exemplo kripkeano sobre a tautologia, afirmando que ele seria impossível, uma vez que, para Wittgenstein, quem lida com matemática deve conhecer de antemão os cálculos por semelhança de família, é falha. Kripke está a propor um cálculo nunca antes feito. Negar que uma nova aritmética, que novos sinais ou que novos cálculos sejam pensados, é o mesmo dizer existe um a priori que limita a variedade das tautologias, o que contraria o antifundamentalismo wittgensteiniano. Por isso, Kripke pode sim mostrar que essa noção de tautologia pode levar às interpretações céticas quanto ao que comumente se entende por significado dos símbolos matemáticos e dos cálculos. Reputa-se aqui, portanto, a interpretação cética que Kripke faz de Wittgenstein como acertada.

4. O ceticismo wittgensteiniano e a ideia de “virada analítica”

Não havendo linguagem privada, não existe conhecimento fora de uma convenção, fora do “jogo”. Quanto às questões epistemológicas mais fundamentais, como se aquele que olha a pedra conhece de fato a pedra ou não, elas simplesmente deixam de existir, pelo menos no sentido tradicional, em Wittgenstein. A linguagem não

seria um meio pelo qual o sujeito conhece o objeto. Os pensamentos, enquanto linguagem, não teriam um caráter *a priori*. A função do juízo analítico nada mais seria do que uma expressão dessa tautologia, dessa convenção, dessa família, desse jogo. Não há um ponto de partida, um início, uma precedência de uma esfera do pensamento sobre outra. O que dizer da própria distinção entre sujeito e objeto? Haveria uma “precedência” (apriorística) do sujeito que conhece em relação ao objeto que é conhecido? Levando em consideração a posição wittgensteiniana sobre a linguagem privada, a resposta é não. A distinção entre sujeito e objeto também deve ser vista à luz do “jogo”.

A ideia de virada linguística da filosofia contemporânea traz à lume a noção de que a linguagem não é mais vista como um veículo de conhecimento que o sujeito se utiliza para o conhecimento do objeto. Ela agora não é vista como um instrumento. Agora não há uma instância que a precede. A linguagem, por assim dizer, passa a ser o próprio *a priori*. Ela agora é a condição de possibilidade de conhecimento. É por causa disso que as ideias de metafísica, de ontologia, de substância, de essência, dentre outras, teriam que passar, hoje em dia, pelo crivo da análise da linguagem para serem conceitos aceitos pela comunidade filosófica. Nessa era pós-metafísica, a filosofia deveria dar condições, mediante a análise da linguagem, para o cientista empírico realizar o seu trabalho metodológico com coerência. É certo dizer que após o Círculo de Viena o Positivismo Lógico surgiram algumas variações dentro da Filosofia Analítica, de modo que já não há consenso, pelo menos não como havia na primeira parte do século XX, sobre temas como metafísica, por exemplo (Plantinga, Swinburne, etc.). Mas essencialmente a Filosofia Analítica e a ideia de virada linguística ainda permanecem de pé.

Pergunta-se então: a interpretação cética de Wittgenstein é compatível com a ideia de linguagem como a condição de possibilidade de conhecimento? O cético Wittgenstein é compatível com o sentido da ideia de virada linguística? Olimpio elabora uma semelhante questão: “*Estaria Wittgenstein negando seu próprio conceito de ‘jogos de linguagem’? Ele estaria sendo cético quanto a eles, ainda dizendo que seriam ‘razoáveis’, e o oposto de ‘razoável’, que traduzimos como ‘irracional’, mas caberia talvez ‘improcedente’, ‘incoerente’*” (OLIMPIO, s/d, p. 28).

Não que o filósofo austríaco tenha dito categoricamente nos seus escritos que ele rejeitava esses conceitos, mas que as consequências das suas palavras tornam a negação dessas ideias inevitável. Ora, a falta absoluta de um ponto de partida, de um *a priori*, de

um fundamento, que seja “privado” ou “separado” da convenção, do “jogo”, da “família”, impede que a linguagem seja a condição de possibilidade de conhecimento. É que o vocábulo “linguagem” careceria de definição, de significado, de sentido. Em outras palavras, não há em Wittgenstein, interpretado como um cético, a ideia de que a Filosofia Analítica “encontrou” uma verdade anteriormente desconhecida, a chamada “virada linguística”. O que é linguagem, em sentido puramente teórico, em Wittgenstein? Não existe uma definição. Não a havendo, nem pode haver uma noção de “virada linguística” ou uma noção de linguagem como condição de possibilidade do conhecimento. No máximo, há um “uso” desses termos. Não obstante isso, esses termos não transmitem conhecimento em si mesmos.

Quanto à possível argumentação de que Wittgenstein também não possuía uma visão da linguagem como um instrumento que o sujeito usa para conhecimento do objeto, ou seja, que ele não tinha a ideia de correspondência entre o pensamento que pensa o mundo e o mundo mesmo pela instrumentalização da linguagem, ela não dificulta a questão. O argumento de que Wittgenstein era um cético não tem a finalidade de apresentar construção de teses positivas sobre a filosofia contemporânea. Ao contrário, ele não prescreve nada, ele não chega a conclusão nenhuma, nem mesmo tem uma pretensão de validade. A relevância de Wittgenstein não se dá pelo que ele apresenta de novo, senão pelo que ele desconstrói. É essa desconstrução das pretensões da Filosofia Analítica e da ideia da virada linguística como superação da filosofia que a precedera que o torna atual.

Chega-se aqui, por fim, à conclusão de que Wittgenstein, conquanto seja sem sombra de dúvidas um autor relevante para a filosofia contemporânea, a sua relevância não se dá por uma tese que ele apresenta. Ademais, não há uma tese, no sentido positivo do termo, quando se percebe o escopo geral do seu pensamento. Ele é relevante pela desconstrução das teses contemporâneas sobre a linguagem ou mesmo pela desconstrução da ideia de “virada linguística”.

Kripke, os outros colegas filósofos supracitados, bem como próprias as obras de Wittgenstein, são evidências desse fato. Afirmar tal realidade não deve ser visto como uma tentativa de diminuir a importância de Wittgenstein. Ao contrário, diante do cenário atual, essa interpretação pode fazê-lo ainda mais apto a auxiliar pesquisadores a rejeitarem os erros que estão a se repetir dentro da academia.

Referências

- BAGÁN, Balbina. **Wittgenstein y el escepticismo: el escepticismo en el Tractatus**. Tesis doctoral: UNIFESP/ Universitat de València, Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación/ Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Valencia, 2019.
- HADOT, Pierre. **Wittgenstein y los Límites del Lenguaje**. Traducción Manuel Arranz. Pre-Textos, Espanha, 2007.
- KRIPKE, Saul. **Wittgenstein on Rules and Private Language: An Elementary Exposition**. USA: Harvard University Press, 1982.
- MULLINARI, Filicio. **Sobre ceticismo e fundacionalismo no da certeza de Wittgenstein**. Revista SOFIA, vol. 3, n. 1., Vitória-ES, 2014.
- OLIMPIO, Leonel. **Wittgenstein e a Certeza: um Cético?** Revista Lampejo. Volume 5 no 2.
- PÁDUA, Gelson. **O Conceito de Regras em Da Certeza: Terceiro Wittgenstein?** Dissertação de Mestrado. PUC-RS, Porto Alegre, 2007.
- RIBEIRO, Maysa. **O Paradoxo do Cético de Wittgenstein Enunciado por Kripke**. Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília, 2012.
- SEGATTO, Antônio. **Wittgenstein e o problema da harmonia entre pensamento e realidades**. Editora da Unesp Digital, São Paulo, 2015.
- WINCH, Peter. **The Idea of a Social Science and its Relation to Philosophy**. Routledge, USA, 1990.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Conferência sobre Ética*. Trad. pr. António Marques. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2017.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Trad. pr. António Fidalgo, Edições 70, Lisboa, 1969.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática Filosófica**. Trad. br. Luís Carlos Borges. Edições Loyola, 2010.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. pr. M. S. Lourenço. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2015.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **O Livro Castanho**. Trad. pr. Jorge Marques. Edições 70, Lisboa, 1958.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **O Livro Azul**. Trad. pr. Jorge Mendes. Edições 70, Lisboa, 1958.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado Lógico-Filosófico**. Trad. pr. M. S. Lourenço. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia**. Trad. pr. Tradução de António Marques, Nuno Venturinha e João Tiago Proença. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.